ERA ARQUEOLOGIA
CONSERVAÇÃO
GESTÃO DE PATRIMÓNIO

Relatório dos Trabalhos Arqueológicos

Barragem do Picote

Acompanhamento arqueológico

Miranda do Douro

ERA-Arqueologia, S.A. (2007)

Cliente MSF, S.A.

T + 351 214 209 750
F + 351 214 209 755
geral@era-arqueologia.pt
www.era-arqueologia.pt
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada-Dafundo
Portugal

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO 3

2 METODOLOGIA 4

3 LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E GEOLÓGICO 5

4 TRABALHOS REALIZADOS 9

5 MEMÓRIA DESCRITIVA DO CONJUNTO ARQUITECTÓNICO DE PICOTE 11

5.1 Memória descritiva do conjunto arquitectónico da Barragem de Picote 11

5.2 Memória descritiva do Conjunto Vernacular nas Instalações Sociais 17

6 CONCLUSÃO 18

7 BIBLIOGRAFIA 19

8 FICHA TÉCNICA 20

ANEXO 1 – REGISTO CARTOGRÁFICO 21

ANEXO 1 – REGISTO CARTOGRÁFICO 22

ANEXO 2 – REGISTO FOTOGRÁFICO 23

ANEXO 3 – FICHAS DE ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO 24

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório visa os trabalhos arqueológicos realizados na construção do reforço de Potência da Barragem de Picote em Miranda do Douro e consistiram na observação de todas as movimentações de terras, mecânicas ou manuais, decorrentes dos trabalhos da empreitada.

Da execução destes trabalhos, também resultaram a realização da memória descritiva do conjunto arquitectónico da Barragem de Picote que compreende todos os seus edifícios anexos, de transformação e sociais.

No decurso dos trabalhos, face à primeira medida de carácter geral a implementar descrita pela Declaração de Impacte Ambiental, foram efectuadas acções de formação para a sensibilização dos trabalhadores quanto à particular atenção em relação aos valores patrimoniais em presença na obra e às medidas cautelares estabelecidas para os mesmos.

Todos os trabalhos realizados respeitaram os termos da legislação em vigor (Dec-Lei 270/99 de 15 de Julho - Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos; Dec-Lei 186/90 de 6 de Junho; Dec Regulamentar 38/90 de 27 de Novembro com as alterações introduzidas pelo Dec. Lei 278/97 de 8 de Outubro e Dec. Regulamentar 42/97 de 10 de Outubro), sendo da competência da Era - Arqueologia, S.A., todos os procedimentos respeitantes ao licenciamento dos trabalhos arqueológicos junto das entidades tutelares.

2 METODOLOGIA

Foi realizado o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de construção do reforço de Potência da Barragem de Picote, no sítio do Barrocal do Douro, freguesia de Picote e concelho de Miranda do Douro.

O progresso dos trabalhos foi registado em fichas de acompanhamento, sempre que se verificaram movimentações de terras. Nestas fichas incluíram-se as informações respeitantes à localização da observação, à estratigrafia, seguindo os princípios sustentados por Barker (Barker, 1989) e Harris (Harris, 1991). Estas fichas servem para o registo das realidades observadas e para justificar as decisões tomadas em relação a vestígios arqueológicos quando identificados.

3 LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E GEOLÓGICO

A Barragem de Picote está situada junto ao local do Barrocal do Douro, freguesia de Picote, Concelho de Miranda do Douro e Distrito de Bragança. No que respeita a este trabalho apenas nos cingiremos ao concelho de Miranda do Douro, área geograficamente suficiente para a caracterização da zona em estudo: a barragem de Picote.

Localizado no extremo Leste de Trás-os-Montes, um dos pontos mais orientais de Portugal, o planalto mirandês ronda os 1700 Km2. Tem por limites Este e Nordeste a fronteira política com Espanha e a Oeste esta está marcada pelo rio Sabor, sendo que a Sul se entronca nos contrafortes Norte da Serra do Reboredo (Sanches: 1992, p.28).

Esta região apresenta como "pano de fundo" as características físicas dominantes de Trás-os-Montes, uma sucessão ininterrupta de planaltos erosionados formando peneplanície, cuja altitude ronda os 700 metros (acima dos quais se erguem algumas montanhas ou relevos residuais de vertentes côncavas), sulcados pela rede de vales profundos do Douro e seus afluentes (Sanches: 1992, p.30), um pouco à imagem do que se passa, nos mesmos termos, na Meseta Ibérica. O clima é de características dominantemente continentais.

A paisagem, contudo, está marcada por diversas alterações ocorridas ao longo dos tempos. Têm fulcral importância, aqui, os cultivos que ao longo de séculos ou mesmo milénios alteraram a fisionomia vegetal primitiva. Da floresta ancestral permanecem, segundo julgamos, em todo o planalto mirandês, matas de *quercus* de folha persistente como o sobreiro, o carrasco ou xardão (*quercus ilex*, subespécie rotundifolia), o carvalho e o carvalho português ou cerquinho (*quercus faginea*). Nas margens do douro, as coníferas estão representadas pelo zimbro (*juniperus oxycedrus*), e, a este, associam-se ainda a cornalheira (*pistacia therebintus*), o abrunheiro bravo (*prunus spinosa*), e o vidoeiro (Sanches: 1992, p.31).

Em termos geológicos, ao longo do curso do concelho do douro, este é alternado por dois complexos litológicos (xistos e granitos), sendo que para o interior estes terrenos foram cobertos por depósitos recentes, pliocénicos e quaternários (Vaz: 2006, p. 143).

A presença de maciços compostos de rochas com alto grau de metamorfismo geralmente denominadas polimetamórficas, caracterizam as formações do paleozóico no planalto. Os contactos exteriores destes maciços traduzem-se por acidentes de "cavalgamento" sobre sequências monometamórficas do silúrico; este supergrupo, por sua vez, sobrepõe-se a sequências menos deformadas de terrenos pertencentes já à zona centro-ibérica (Alves: 1988, p.80). Miranda do Douro assenta sobre um complexo gneissico de xistos e grauvaques ante-ordovícicos e ainda conglomerados de base, discordantes sobre o complexo xisto-grauváquico. Surgem ainda, intrusões de peridotitos e gabros, intrusões granitóides com pequenos stocks de gabro (hercínios), filões de quartzo e filões básicos (Sanches: 1992, p. 29).

Em termos de unidades geológicas responsáveis pela modelação topográfica e pela formação dos solos sedimentares, há a referir os afloramentos granitóides gneissóides do complexo gneissico do douro inferior que apresentam morfologias levemente diferenciadas uns dos outros. As zonas de contacto daqueles com as rochas encaixadas – xisto-grauváquicas e quartzíticas – são propícias à circulação e ressurgência de águas (Ribeiro: 1974, p. 17).

As formações xisto-grauváquica e quartzítica incluem afloramentos fortemente recortados quer pelas intercalações granitóides, quer pelos contactos entre as unidades transmontanas e centro-ibéricas. Pertencem pois a idades diferenciadas, tal como as formações anteriores – do pré-câmbrico ao Devónico. Existem ainda aqui, depósitos recentes de cobertura pliocénicos. A área mais importante corresponde à mancha que se estende de Sendim a S. Pedro da Silva, entre afloramentos graníticos e formações silúricas (Sanches: 1992, p. 29).

O vale do Douro demonstra um povoamento profícuo do Paleolítico e Mesolítico (Sanches: 2000, p. 180). É desta altura que data o início da sedentarização das populações em quase toda a bacia douriense desde esta zona passando por Mirandela / Valpaços até Vila Nova de Foz Côa e S. João da Pesqueira.

Contudo, os vestígios mais visíveis são de época Neolítica (VI a V milénios A. C.), devido a boas condições climatéricas e naturais para a fixação de populações (Vaz: 2006, p. 144).O povoamento aqui é documentado logo a partir do IV milénio A. C.. O número de monumentos funerários (mamoas), identificadas na região de Genísio e Malhadas, por exemplo, é bastante profícuo (Sanches: 2000, p. 181). Também a "espessa rede de castros" identificados no planalto mirandês, é mais apertada nas encostas viradas ao douro (Sanches: 1992, p. 154). A propósito disto, Francisco Sande Lemos refere que a complexidade geográfica desta zona é a principal responsável pela localização dos habitats que são pontos distribuídos não por superfícies lisas, mas comunidades inseridas em contextos ecológicos concretos e precisos (Lemos: 1995, p. 118). Isto advirá da sempre existente necessidade de se efectuarem fortificações, das quais, exemplo disto são, os prolíferos castros que existem ao longo das arribas do Douro, utilizando-as como muralhas naturais (Vaz: 2006, p. 144). São deste período, os principais vestígios nesta zona, o Castrilhoço ou Castralheira em Vila Chã da Braciosa, os castros de Cigaduenha e Castelo de Picote em Picote, Capela de S. Paulo em Sendim, o Povoado do Raio em Miranda do Douro e o Castro de Vale da Águia nos arredores de Miranda, todos eles referenciados por estes três autores.

Mas nem só de castros vivem os vestígios da antiguidade desta zona. Diversos vestígios e pequenos núcleos, ou aglomerados datáveis da pré-história recente incluem também alguns monumentos megalíticos, funerários e de arte rupestre.

As manifestações culturais que se diversificam nesta região a partir do Neolítico, início do Calcolítico, estão ligadas à arte esquemática, símbolos e covinhas, isoladas ou associadas a enterramentos colectivos sob túmulos (mamoas), abrigos rupestres com petroglifos (Bento del Rey, Bernardo e Sanchez Rodriguez: 2004, p. 420).

As principais jazidas de insculturas rupestres que se conhecem actualmente no concelho de Miranda do Douro estão distribuídas por Duas Igrejas, S. Martinho de Angueira, Palaçoulo e Atenor (Bernardo: 2000, p. 189). Neste concelho foram identificados cerca de quatro dezenas de espaços com vestígios seguros de ocupação humana, pré e proto-histórica. Os principais santuários rupestres conhecidos são:

- Fraga da Rodela (Ifanes);

- S. João das Arribas (Aldeia Nova);

- Penha das Casicas (Vila Chã da Braciosa);

- Santo Albino (Vila Chã da Braciosa);

- Abrigo do Passadeiro (Palaçoulo);

- Abrigo do Barroco Pardo (Palaçoulo);

- Abrigo da Solhapa (Duas Igrejas);

Mas nem sempre os locais com arte rupestre, terão sido utilizados como santuários. Podem muitos deste sítios, ter servido de "marcadores" territoriais ou servido como elementos de comunicação entre grupos de pessoas ou entre pessoas (Sanches: 2000, p. 185).

Em Picote, no Salto do Puio está um arqueiro pré-histórico em posição de lançamento, situando-se nas suas imediações o Castelo de Picote, cujo caminho de acesso é de época medieval tendo sido assim identificado no contexto da reabilitação desta fortificação (Vaz: 2006, p. 163-164). A gravura pauta-se por um pequeno painel de forma quadrangular que integra uma representação semi-esquemática. As representações com arcos não são características dos universos cosmológicos que se traduzam em formas gráficas contudo, podem surgir de modo pontual em contextos peculiares (abrigos e monumentos funerários). Apesar da belicidade do arco e da sua importância histórica este não é muito vulgarmente representado, mesmo em períodos históricos mais recentes (Sanches e Pinto: 2002, p. 62). Dado isto a única certeza que se pode aqui apresentar é que esta gravura será pré-romana, o enquadramento sócio-cultural arcaizante representado por ela remete-nos mesmo para uma sociedade pré-histórica (Sanches e Pinto: 2002, p. 63). Também são aqui algo vulgares as esculturas de suínos neste concelho e na terra de Sayago e Aliste em Espanha (províncias espanholas contíguas ao concelho de Miranda). Os berrões, segundo Santos Júnior, encontrados em Duas Igrejas, Vila de Sinos (Mogadouro) e Picote, são atribuídos aos Zoelas, povo pré-romano que aqui habitava (Mourinho: 2000, p. 226).

No período romano, as comunidades regressam às planícies reorganizando desta forma o povoamento (Vaz: 2006, p. 145). Em 19 A. C., o Noroeste peninsular foi incorporado no Império Romano. Durante o governo de Augusto esta zona passa a dispor de uma rede viária de acesso a Roma, passando desta forma, Astorga e Leão a estarem articuladas com esta região (Vaz: 2007, p. 4). A principal via desta ligação atravessa o actual concelho de Miranda na sua totalidade estando também referenciados alguns *diverticulae*.

Esta zona, entre Sabor e Douro, foi de intensa ocupação humana. Consubstanciam isto as sessenta e seis epígrafes provenientes de diversas aldeias da região sendo que Picote é o principal fornecedor com mais de vinte (Mourinho: 1988, p. 3). Na sua maioria estas epígrafes são datáveis do século I sendo três votivas, três honoríficas, três estão indefinidas e cinquenta e sete funerárias (Mourinho: 1988, p. 4-6).

Relativamente a Picote, Ernesto Vaz considera o mais importante povoado romano de Miranda, tendo aí sido identificados também mosaicos (Vaz: 2006, p. 163). No entanto, não se notam aí os vestígios da romanização. No centro da aldeia, nos anos oitenta, foram exumados muros de uma casa rectangular com materiais romanos. Como já referimos, foram aqui encontradas vinte e uma estelas funerárias, a maior colecção do Nordeste transmontano, sendo que, a sua maioria provém da colina onde se ergue a Igreja Matriz de Picote. Provavelmente esta aldeia está implantada sobre um povoado de época romana (Lemos: 1995, p. 124), o que parece apontar para uma continuidade ocupacional.

Também existem outros vestígios desta época, mais ou menos visíveis, como são disto exemplo a *villae* romana de Penas Róias com material datável do século I e ainda ocupações posteriores e os habitats de época romana de Algosinho e Vila de Sinos (Lemos: 1995, p. 125-128).

A par das descontinuidades verificam-se rupturas no processo de ocupação destes sítios mas parecem não existir razões aparentes que expliquem isto.

Em 430, os Suevos conjuntamente com os Alanos e os Vândalos, têm já o domínio da província da Galécia e fazem de Braga a sua capital que é a sede do seu reino até 585, altura em que este passa para as mãos dos Visigodos (Vaz: 2007, p. 6). Entretanto toda esta zona cai nas mãos dos Árabes que por volta de 711 tomam conta de quase toda a Península. A partir da segunda metade do século XI, durante a reconquista cristã da Península Ibérica, as terras de Miranda são ocupadas progressivamente, devido ao recuo do Islão, pelos senhores de Bragança em nome dos reis de Leão. Já em contexto de independência Portuguesa, os chefes desta linhagem fronteiriça, senhores de Trás-os-Montes e Alto Douro, são atraídos à corte dos primeiros reis de Portugal (Vaz: 2006, p. 145).

A designação "terras de Miranda" aparece em documentos do século XII, concretamente na doação de D. Afonso Henriques a Pedro Mendes do realengo que este rei possuía na terra de Miranda sob o domínio de Algoso. O documento tem a data de Julho de 1172 e a doação diz respeito a Palaçoulo e seu termo (Mourinho: 2000, p. 225). Esta terra, desde os tempos dos primeiros reis, teve concessões especiais de mobilidade militar, da mesma forma foi obtendo, progressivamente, autonomia jurídica e política devido à sua localização estratégica (Jacob: 2000, P. 237). É só em finais do século XIII, com o tratado de Alcanices, que a fronteira portuguesa é fixada sob o flanco direito de Miranda do Douro (Vaz: 2006, p. 145). Em 1545, a vila de Miranda sobe a cidade episcopal, mantendo-se assim até 1780 altura em que esta sede é transferida definitivamente para Bragança, consequência também de um desastre militar da guerra dos sete anos com Espanha (Vaz: 2006, p. 145 e ainda Jacob: 2000, p. 237).

4 TRABALHOS REALIZADOS

O acompanhamento arqueológico das intervenções no subsolo em áreas correspondentes aos trabalhos realizados para a empreitada de reforço de potência da Barragem do Picote decorreram entre os dias 9 de Maio de 2007 e o dia 11 de Setembro de 2007. Estes compreenderam as seguintes frentes de trabalho:

- Instalações Sociais e respectivo alargamento para escritórios;

- Área do Posto Médico e respectivo acesso;

- Acesso à Restituição;

- Entrada da Galeria de acesso à Central;

- Escombreira;

Figura 1 - Desmatação na área da escombreira

Foi realizado um levantamento fotográfico e efectuada uma memória descritiva do conjunto de edifícios sociais e técnicos associados à barragem de Picote. Tratando-se este conjunto de um excepcional marco de referência do Movimento Moderno da Arquitectura Portuguesa, encontra-se em vias de classificação pelo IPPAR, estando desde então sujeito às inerentes condicionantes e restrições legais.

Paralelamente a estes trabalhos foi efectuado um levantamento bibliográfico que serviu de suporte à elaboração deste relatório bem como a uma melhor compreensão da realidade de desenvolvimento da obra em si.

No que diz respeito às frentes de trabalho acompanhadas, estas, salvo duas excepções, apenas incidiram na movimentação da camada humosa ou envolvente vegetal, pois trataram-se de áreas destinadas à colocação ou de infraestruturas ou deposições temporárias resultantes dos trabalhos

decorrentes desta empreitada. As duas excepções a estas evidências foram as Instalações Sociais e a Entrada da Galeria de Acesso à Central onde por razões relacionadas com a especificidade do trabalho foi necessário atingir o substrato geológico.

Figura 2 - Desmatação na área das instalações sociais

Não foi efectuado qualquer tipo de trabalho arqueológico na Escombreira Sul, como estava previsto na Declaração de Impacte Ambiental, medida nº8 do item Património, devido ao facto de esta ter sido posta de parte pelo Empreiteiro. Desta forma como não foi intervencionada a área a ela destinada não se realizaram os trabalhos arqueológicos previstos.

5 MEMÓRIA DESCRITIVA DO CONJUNTO ARQUITECTÓNICO DE PICOTE

Este capítulo do relatório relaciona-se com a implementação das medidas nº 5 e nº 9 (Património), da Declaração de Impacte Ambiental que se prende com a realização do registo fotográfico e memória descritiva do conjunto arquitectónico da Barragem de Picote, e a memória descritiva bem como o seu registo fotográfico do vernáculo existente na área destinada às instalações sociais. Este conjunto compreende a respectiva barragem, edifícios de comando e descarga, edifícios técnicos e edifícios sociais. Devido à sua importância arquitectónica todo este conjunto está em vias de classificação pelo IPPAR e encontra-se condicionado legalmente à área de classificação e de protecção cautelares.

5.1 MEMÓRIA DESCRITIVA DO CONJUNTO ARQUITECTÓNICO DA BARRAGEM DE PICOTE

Barragem e edifícios de comando e descarga – a Barragem de Picote e seus respectivos edifícios de comando e descarga, constituem um conjunto de construções interligadas pelas correspondentes necessidades de produção eléctrica. A barragem em si é semelhante a tantas outras, no seu aspecto geral, sendo que o elemento construtivo maioritariamente utilizado na sua construção é o betão armado. Quanto aos restantes edifícios, estes estão enquadrados no tipo de arquitectura moderna (moderno escondido), mais industrial, que iremos melhor caracterizar, em que os principais elementos construtivos, visíveis na fachada, são a tijoleira rectangular, a madeira e o reboco de parede amarelado ou bege com blocos de pedra em granito. De referir ainda que estes edifícios são constituídos por quatro andares e caves.

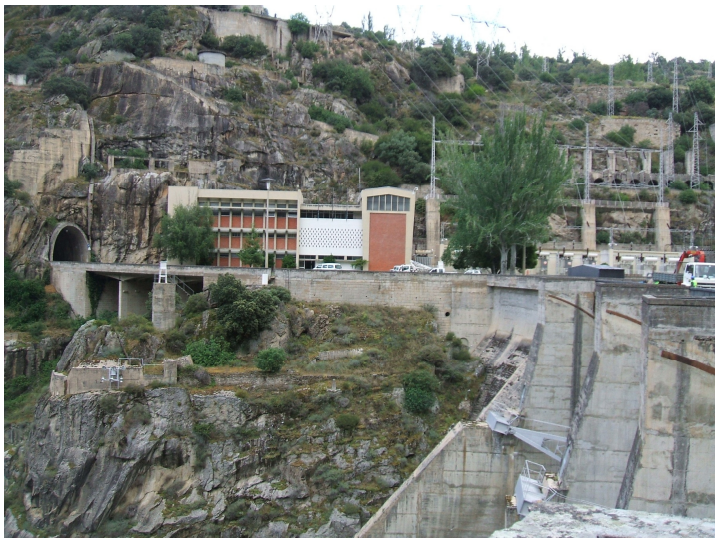

Figura 3 - Barragem e edifícios de comando e descarga

Estação de tratamento de água – o único edifício que se destaca dos demais, principalmente pela pobreza e simplicidade construtiva: trata-se de um pequeno edifício térreo construído por blocos de cimento e com um telhado constituído por um contraplacado em fibrolite.

Posto de seccionamento e cantina – edifício de piso único e forma rectangular, subdividido internamente em duas áreas distintas: a primeira é uma zona lúdica, com palco e plateia e um reduto para um projector de imagens vertical; a segunda compreende uma cozinha e um salão de grandes dimensões, tendo ambas as áreas o soalho em madeira. Exteriormente o edifício não tem grandes preciosismos arquitectónicos tendo apenas um revestimento de cal e cimento pintado de branco, sendo que nas faces sul e norte está revestido por blocos rectangulares de granito.

Figura 4 - Posto de seccionamento e cantina.

Bairro – constituído por algumas dezenas de habitações destinadas a trabalhadores especializados, tratavam-se de casas homogéneas de 4 assoalhadas e um único piso térreo. A sua fachada em reboco de alvenaria pintada de branco ou verde melado, está rematado por blocos de pedras rectangulares em granito. A cozinha destacada do resto da casa confere à sua planta a forma de um L. Todas as habitações possuem jardins dianteiros e traseiros.

Figura 5 - Bairro

Centro comercial – este edifício, de um modo geral, apresenta as mesmas características gerais dos edifícios até agora descritos, quanto ao tratamento da sua fachada. Contudo estamos perante uma construção de um único piso térreo cuja planta forma um L, destinado a albergar pequenos espaços que tinham por objectivo as transacções comerciais. Tanto na sua dianteira como nas traseiras existe um corredor coberto, de colunas rectangulares que resguardava as entradas destes espaços. A sua envolvente tem algum arvoredo o que lhe confere uma boa inserção na paisagem mas esta, fica principalmente marcada por placas de cimento que cobrem o solo e tornam o acesso aos espaços destas instalações bastante mais fáceis. Actualmente é aqui que funciona a pousada da juventude.

Figura 6 - Centro comercial

Escola – trata-se de um edifício com um único piso térreo cujo tratamento de fachada em tudo se assemelha aos edifícios do Bairro Habitacional, mesmo até nos blocos de granito rectangulares que cobrem parte dela. A fachada frontal encontra-se dividida em duas partes distintas: a primeira é a zona de entrada com um resguardo coberto e a segunda é quase totalmente composta por janelas e quase que está à face com o telhado. Actualmente funciona aqui um pequeno estabelecimento comercial ligado à restauração.

Figura-7 – Escola.

Capela – é um edifício de planta rectangular orientado a Oeste. Tem um passadiço de acesso feito por plataformas rectangulares em cimento que se encostam à sua entrada principal. Tem também uma cruz metálica em preto na sua fronte ao centro. Com uma "pala" que cobre todo o edifício, esta faz ainda uma protecção à entrada da capela. Entrada esta que é quase totalmente feita em vidro salvando-se a armação em madeira. O interior é constituído pela área de culto e escritórios ou divisões de apoio anexos, na traseira do edifício e com dois pisos. Existe ainda uma torre lateral mais alta do que a própria estrutura da capela, fazendo lembrar o minarete de uma mesquita, com um relógio no topo e na sua base, encoberto, um gerador eléctrico secundário. Os principais materiais construtivos aqui utilizados são o cimento e a madeira, sendo que a maioria da estrutura da capela que se encontra à vista é revestida por mosaicos que imitam o tijolo industrial rectangular (vulgo "tijolo de burro"). Estes são de várias tonalidades de cor de tijolo. É um valioso exemplar do movimento arquitectónico chamado "moderno escondido".

Figura 8 - Capela

Bairro – casas de pessoal dirigente – este bairro é constituído por cinco vivendas em arquitectura moderna e todas com traçado diferenciado. De igual modo, todas têm dois pisos, garagem e são compartimentadas por diversos blocos que constituem a sua arquitectura única. Exteriormente, estas casas, apresentam nas suas fachadas materiais que vão desde o ferro e madeira aos rebocos de fachada e blocos de granito. Finalmente, todas estas casas estão envolvidas por espaços verdes privativos existindo nestes, passadiços em blocos de cimento que fazem a ligação das diversas entradas do espaço às das casas.

Figura 9 - Bairro, casas de pessoal dirigente

Estalagem – com a fachada principal voltada para o hemisfério Sul, trata-se de um edifício paralelepídico que nas suas traseiras tem mais quatro anexos, todos só com rés-do-chão. O edifício principal ou a área onde se situam os quartos, é constituído por rés-do-chão, primeiro e segundo andares. Os restantes três módulos, todos ligados entre si e com o edifício principal, formam um quadrado num espaço aberto com um jardim no seu interior, enunciando uma espécie de claustro. Tendo a fachada da entrada principal voltada para Oeste, esta é composta por uma entrada para o edifício principal e outra para o jardim. As duas encontram-se protegidas por um toldo que liga todo um corredor aberto, estando as duas entradas nas suas extremidades. Em frente a estas entradas está um largo ou parque de estacionamento subdividido por linhas de árvores (Zimbros e Pinheiros). O edifício principal, que no seu comprimento ultrapassa a largura dos outros anexos, na sua extremidade Oeste está apoiado por seis pilares que formam um toldo e é também um acesso ao jardim que se encontra à frente da fachada Sul, isto é, fachada principal. Em toda a área circundante existem passadiços de acesso ás várias entradas desta estrutura, constituídos por placas de cimento ora rectangulares ora quadradas, e todos interligados entre si. Em termos de materiais construtivos ou decorativos, voltamos aqui a encontrar a madeira, o ferro, o cimento, os azulejos cor de tijolo e os blocos de pedra em granito com formas rectangulares ou quadradas. As principais cores deste conjunto são o bege e o branco para além da cor de tijolo. Uma última acepção é feita ás janelas: as da fachada principal estão nas varandas dos quartos nos primeiro e segundo andares, visto que no rés-do-chão, estas fazem parte de toda a parede, que é em vidro, para se poder usufruir da

paisagem na sua totalidade. Nos módulos Este e Norte estas encontram-se na parte superiora da estrutura e são de pequenas dimensões.

Figura 10 - Estalagem

Parque desportivo – é de pequenas dimensões este parque que se encontra perfeitamente inserido na paisagem envolvente e é composto por dois núcleos distintos: campo de ténis e piscina. O campo de ténis, de dimensões médias, tem o pavimento em pequenos fragmentos sintéticos mas já algo danificado pela erosão. Está delimitado por uma vedação metálica. O recinto da piscina está inserido num jardim e tem ainda um pequeno edifício de apoio (balneário), revestido por mosaicos que imitam os tijolos rectangulares.

Figura 11 – Parque desportivo.

5.2 MEMÓRIA DESCRITIVA DO CONJUNTO VERNACULAR NAS INSTALAÇÕES SOCIAIS

Trata-se de uma casa em ruína, constituída por três paredes em blocos de granito de médias e grandes dimensões, tendo a parede frontal, orientada a Nordeste, uma entrada e uma janela. A parede traseira é constituída por um afloramento rochoso, característica de casas antigas nesta zona, pois era difícil obter matéria-prima que pudesse ser utilizada na construção de muros. Ainda de acordo com a Declaração de Impacte Ambiental, este vernáculo foi vedado antes de se iniciarem os trabalhos de implantação das Instalações Sociais e assim deverá continuar até à conclusão da empreitada.

Figura 12 – Vernáculo na área das Instalações Sociais.

6 CONCLUSÃO

No decorrer do acompanhamento arqueológico aos trabalhos do reforço de potência da barragem de Picote, não foram detectadas realidades arqueológico-patrimoniais, pelo que não foram tomadas medidas de minimização dos impactes negativos da obra sobre esses possíveis achados.

Foram efectuados acompanhamentos arqueológicos a todas as acções mecânicas ou manuais que decorreram no subsolo, nas áreas onde estas se desenvolveram e suscitaram interesse arqueológico. Foram estas áreas as Instalações Sociais e posterior alargamento para escritórios, área do posto médico e respectivo acesso, acesso à restituição, entrada da Galeria de acesso à Central e Escombreira.

Todas estas áreas foram acompanhadas separadamente e de acordo com o ritmo desenvolvido pela própria obra, dando desta forma resposta às necessidades decorrentes da empreitada.

Neste sentido, foram cumpridas todas as condicionantes descritas na Declaração de Impacte Ambiental exceptuando duas situações:

- o não acompanhamento arqueológico dos trabalhos na escombreira Sul decorrente de uma alteração de projecto que consiste no abandono da utilização deste espaço;

- o não acompanhamento arqueológico durante a futura realização de um furo piloto. Furo este que servirá para ligar o topo da perfuração à Galeria. Posteriormente, e utilizando-se uma máquina para perfurar com a técnica "Raise Boring", será feita a perfuração principal de baixo para cima. Tem, desta forma, o furo uma largura aproximada de 5,10 metros e uma profundidade de 180 metros. Decorrente do tipo de intervenção a efectuar e de um ponto de vista arqueológico não existem afectações decorrentes deste trabalho, pois o que será efectuado à superfície irá incidir totalmente numa área onde estão colocados os escombros resultantes da construção da Barragem do Picote. Na área onde este trabalho está implantado existe uma plataforma de escombros com mais de 2 metros de altura, sendo que, a sua envolvente também se encontra profundamente alterada pela construção de estruturas afectas à Estação de Tratamento de Águas. Em virtude dos factos acima apresentados, considera-se que não existe necessidade de se efectuar o acompanhamento arqueológico desta actividade, pois dadas as extremas alterações da envolvente e localização dos escombros, estamos perante uma área estéril do ponto de vista arqueológico. Todavia, salientamos que este se trata de um parecer técnico que deverá aguardar concordância da tutela.

7 BIBLIOGRAFIA

ALVES, L. A. Pereira, (1988) – "Geomorfologia – Alguns Aspectos Geológicos e Mineiros...", in *Catálogo dos Monumentos e Sítios Arqueológicos das Terras de Miranda*, coord. D. S. Marcos, pp. 78-91.

BARROCA, Mário Jorge, (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, 3 vols., Fundação Calouste Gulbenkien e Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.

BERNARDO, Hermínio Augusto, (2000) – "Para a Carta Arqueológica do Concelho de Miranda do Douro", in *Estudos Mirandeses – Balanços e Orientações*, Actas do Colóquio Internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999, Granito – Editores e Livreiros, Porto, pp. 187-221.

GENÉSIO, Luísa, (2000) – "A Paisagem Mirandesa – Uma Leitura", in *Estudos Mirandeses – Balanços e Orientações*, Actas do Colóquio Internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999, Granito – Editores e Livreiros, Porto, pp. 241-255.

JACOB, João Manuel Neto, (2000) – "Miranda do Douro: Uma Visão Diacrónica", in *Estudos Mirandeses – Balanços e Orientações*, Actas do Colóquio Internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999, Granito – Editores e Livreiros, Porto, pp. 237-240.

LEMOS, Francisco Sande, (1995) – "Povoamento Romano e Medieval do Nordeste Transmontano. Aspectos de Continuidade e Mudança: Perspectivas de Investigação", in *Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, separata, Guimarães, pp. 115-152.

MOURINHO, A. M. (1972) – "O Abrigo Rupestre da Solhapa em Duas Igrejas (Miranda do Douro)", in *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VI, Lisboa, pp. 112-121.

MOURINHO, António Maria, (1988) – "Epigrafia Latina Aparecida entre Sabor e Douro desde o Falecimento do Abade de Baçal - 1947", in *Brigantina*, separata, vol. VI nº1-2-3 e vol. VII nº1-2, Bragança, pp. 3-36/101-132.

MOURINHO, António Rodrigues, (2000) – "Cultura e Museologia na Terra de Miranda", in *Estudos Mirandeses – Balanços e Orientações*, Actas do Colóquio Internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999, Granito – Editores e Livreiros, Porto, pp. 223-235.

REY, Luis Bento Del, BERNARDO, Hermínio Augusto, RODRIGUEZ, Marciano Sanchez (2004) – *Santuários Rupestres Pré-históricos em Miranda do Douro, Zamora e Salamanca*, Câmara Municipal, Miranda do Douro.

RIBEIRO, A. (1974) – *Contribuition à L'étude Tectonique de Trás-os-Montes Oriental*, Memórias dos Serviços geológicos de Portugal, Lisboa.

SANCHES, Maria de Jesus (1992) – *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Monografias Arqueológicas 3, Grupos de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto.

SANCHES, Maria de Jesus, (2000) – "A Pré-história da Região Mirandesa. Algumas Notas", in *Estudos Mirandeses – Balanços e Orientações*, Actas do Colóquio Internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999, Granito – Editores e Livreiros, Porto, pp. 179-186.

SANCHES, Maria de Jesus, PINTO, Dulcineia Bernardo, (2002) – "O Arqueiro da Fraga do Puio (Picote-Miranda do Douro) – Estudo de uma Estação com Arte Rupestre no Parque Natural do Douro Internacional", in *Revista da Faculdade de Letras*, (separata), I série, vol. 1, Porto, pp. 51-72.

VAZ, Ernesto Albino (2006) – "Rota dos Castros Mirandeses das Arribas do Douro", in *Rota dos Castros e Berrões*, Diputación de Ávila / Câmara Municipal de Miranda do Douro, pp. 133-174.

VAZ, Ernesto Albino, (2007) – "O Planalto Abre a Porta da História – Uma Economia Global e um Mundo Requintado", (no prelo).

8 FICHA TÉCNICA

Direcção do Departamento Técnico

Maria João Jacinto

Coordenação de Projecto

Inês Mendes da Silva

Direcção Executiva do Projecto

Sérgio Antunes

Elaboração do Relatório

Sérgio Antunes

Cruz Quebrada, 15 de Outubro de 2007

_____

Sérgio Antunes, Arq.

ANEXO 1 – REGISTO CARTOGRÁFICO

ANEXO 1 – REGISTO CARTOGRÁFICO

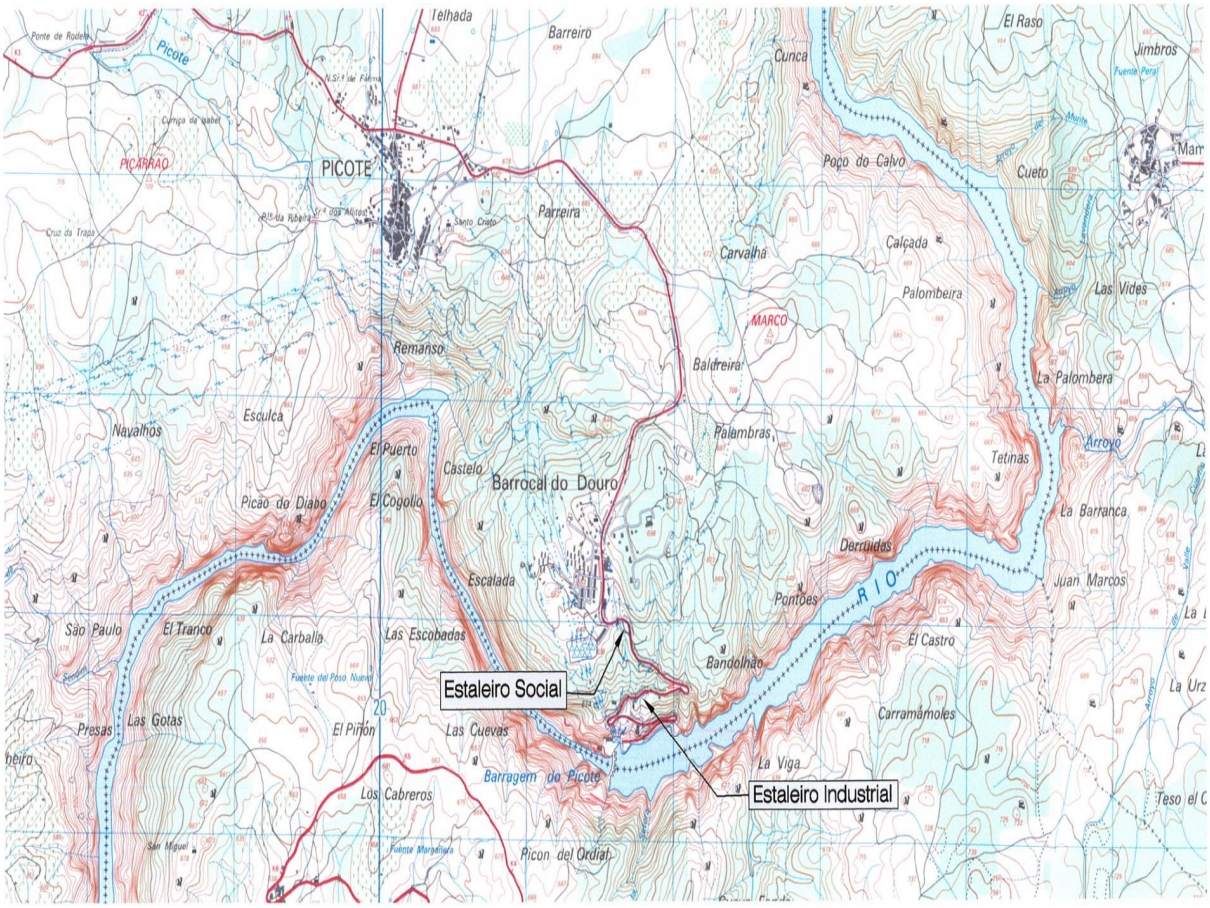

Figura 13 – Localização de áreas acompanhadas

ANEXO 2 – REGISTO FOTOGRÁFICO

ANEXO 3 – FICHAS DE ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO